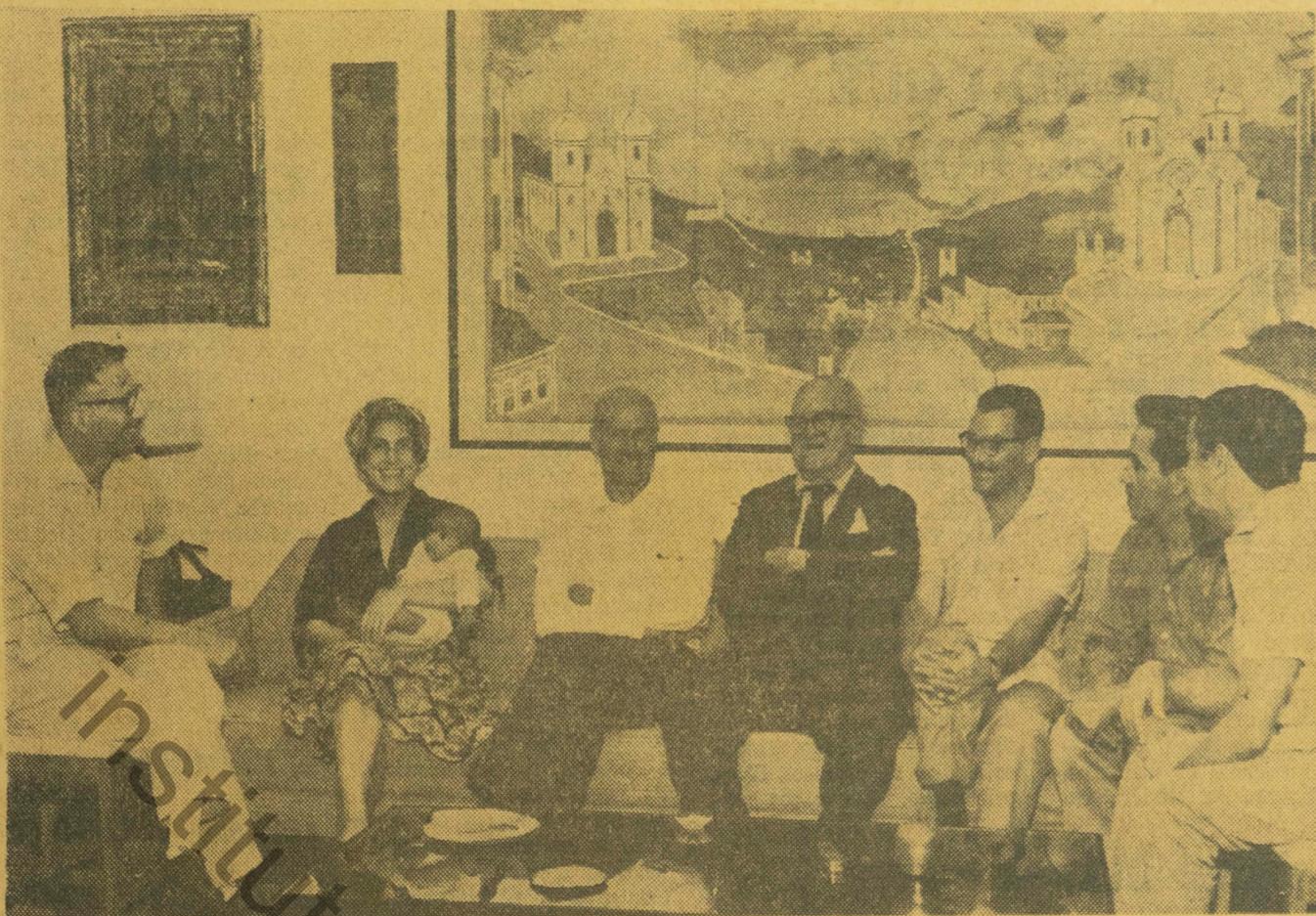


Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURÍCIO

O "AFFAIRE" GUIGNARD

Americano Freire e sua posição junto a Guignard



Guignard, cercado de amigos na véspera do seu 65.º aniversário: sr. e sra. Americano Freire, professor Aloysio de Paula, pintor Inimá de Paula e o cronista

Rua Palmira 80, na Serra, Belo Horizonte. Uma casa ampla, de linhas modernas, grande terraço, vegetação espessa, bem tratada, plantas raras. Interior confortável, duas grandes salas ligadas, móveis modernos, livros de arte, pelas paredes quadros de Guignard, Di Cavalcanti, Inimá. Dois biombos de Guignard, objetos de crianças, brinquedos. Conforto sem ostentação, sem luxo, bem vivido. Residência do professor Santiago Americano Freire, psicanalista, professor de Farmacologia da Faculdade de Belo Horizonte, casado em segunda nupcias (anteriormente fora casado com uma conhecida pintora), dois filhos, na casa dos 40 ou 45 anos. O homem que trata do pintor Alberto da Veiga Guignard há cerca de cinco anos, hospedando-o em sua própria casa, quarto e atelier, e trata dos interesses do artista. O homem que fora acusado de excessivo controle sobre o pintor por diversas pessoas e, mais tarde, em fortes reportagens do jornalista mineiro Frederico Moraes, com repercussões menores aqui e ali, até o dia em que Rubem Braga deu repercussão nacional ao assunto, endossando parcialmente as acusações. Sintetizando tudo o que ouvimos e lemos, as acusações são três:

- 1 — Encaixotamento de Guignard, afastando-o de seus amigos.
- 2 — Exploração no acúmulo de suas obras, sem vantagem para o artista.
- 3 — Interferência nas características da sua pintura.

Pedimos ao professor Americano Freire, homem reservado, meio britânico, maguado e desconfiado com os últimos acontecimentos, que além de nos ter franqueado as portas da sua casa para alguns dias de convivência com Guignard, respondesse francamente às acusações por intermédio do Itinerário. Ou respondesse apenas às nossas perguntas. Depois de pensar um pouco, concordou.

— Pela contingência de não ter onde colocar Guignard, após seus períodos de cura em hospitais, fui solicitado, há anos, por amigos que até então o acolhiam em sua garagem, para recebê-lo em minha casa, a princípio como paciente e artista pobre. Agora já é amigo e membro da família. De uns anos para cá Guignard precisa de assistência permanente. E como não pode sair sozinho, eu o levo aonde vou, sistematicamente, seja a teatros, cinemas, reuniões sociais, clubes, passeios de automóvel, jantares em casa de amigos e parentes, viagens ao Rio, São Paulo, Ouro Preto, etc. É como se fosse a minha sombra e eu a sombra dele. Não posso explicar a cada um a razão desta atitude, de não ter um momento sequer de isolamento. Sou médico e sou amigo de Guignard antes de tudo.

E adiante:

— Ninguém poderá fazer idéia justa do meu esforço para criar condições estimulantes ao pintor. Em cada quadro das duas mostras que já organizei em Belo Horizonte e em outras duas feitas no Rio, vai um pouco desse esforço. Guignard precisa de ser estimulado, gosta de que o vejam pintar, aguardem o resultado. Se tal não ocorre facilmente abandona o trabalho iniciado. O sr. Franco Terranova, que veio buscar os trabalhos para a exposição da Petite Galerie, é testemunha disso. Teve que permanecer de plantão ao lado do pintor para que ele concluísse as obras já começadas. Aliás, foi com ele e não comigo que se deu a anedota do quadro com a noiva viúva, com o filho nos braços.

É uma imprecisão típica das crônicas.

O professor afirma que desde que dera a Guignard condições morais e materiais e de saúde para que sua obra não sofresse interrupção e se tornasse mais conhecida do grande público recebendo o aplauso e a consagração a que tem direito, chovera sobre ele as mais diversas críticas.

— Acha que não dou suficiente liberdade ao pintor, não permitindo que resida em sua já famosa casa de Ouro Preto, porque não sabem ou fingem não saber o que esta liberdade poderá representar para a sua sobrevivência. Quem puder conciliar a realização dessa casa de Ouro Preto com seus perigos, que o consiga. Atualmente, sempre que ele vai até lá, faço-o acompanhar de um seu discípulo, Wilde, que me avisa o momento oportuno para ir buscá-lo, pois a outros dificilmente atende. É estranho que quando Guignard era uma figura habitual dos bares de Belo Horizonte, um solitário que procurava na bebida o esquecimento do seu defeito congênito, origem da sua infelicidade, ninguém se preocupou com ele. Agora que tem a segurança de um lar, o conforto da proximidade permanente de amigos é que aparecem essas críticas desarrazoadas. Este conforto ele terá, entretanto, até que apareça quem o queira ter nas mesmas condições.

Informa o entrevistado que Guignard não tem pai nem mãe, nem mesmo irmãos ou parentes. Casou-se na Europa e teve um filho, tanto a mulher como o filho faleceram. Tem um padastro, um barão alemão, que reside na Europa e sobre o qual o pintor não gosta de falar, e que escreve de vez em vez para Guignard propondo-lhe a venda de uma residência do sul da França, com 30% do valor para o artista.

Adiante o professor Americano Freire informa sobre a situação econômica de Guignard, a venda de seus quadros, etc.

— A última exposição na Petite Galerie, no Rio, houve grande êxito artístico, social e financeiro. O lucro do pintor, entretanto, foi pequeno, pois tratava-se mais de fazê-lo reaparecer em boas condições no Rio e faz parte do seu depósito no Banco Belo Horizonte, atualmente em mais de um milhão e trezentos mil cruzeiros. A diferença é aplicada nas despesas de material e outras necessidades do artista.

Prosseguindo, Americano Freire, que é além de pintor amador, um bom conhecedor de história da arte familiarizado com a produção dos pintores nacionais e estrangeiros, falou sobre a opinião de alguns cronistas, segundo a qual a pintura de Guignard teria perdido a qualidade.

— É fácil criticar a qualidade da pintura de Guignard repetindo afirmações superficiais e incompetentes, sobretudo pelos que

nada sabem de pintura e que seguramente gostaria de ser ao menos um borra-tintas. A estes respondem os verdadeiros críticos, os grandes pintores como Portinari, Di Cavalcanti. É uma levianidade que em si mesmo se anula. Quanto à acusação de que eu teria interferência na pintura de Guignard, é outra tolice espantosa que chega a ser uma desconsideração para com o mestre, em plena produção dos seus 65 anos, com uma unidade estilística que resiste a qualquer exame prolongado e atento.

— Dizem que guardo centenas de milhares de cruzeiros — prossegue — consequentes das vendas dos quadros de Guignard. Veja esta lita de mais de cem quadros doados gratuitamente e veja também os nomes de quem os recebeu. Veja a lista das telas vendidas e o preço. E confira o depósito atual de Guignard, suas despesas pessoais e materiais, inclusive com o material de pintura.

E concluindo:

— Nunca dei maior atenção a tais acusações, até o momento em que elas foram divulgadas por Rubem Braga, um cronista responsável. Causaram-me profunda mágoa, mas não ofenderam. E, sobretudo, causaram mágoa maior à minha esposa, causa possível de seu parto prematuro. Aqui estão diversas cartas de solidariedade que recebi, além de telefonemas. Tinha resolvido fazer uma grande exposição de Guignard em Paris, na viagem que faríamos brevemente, a qual teria o patrocínio do embaixador Gauthier. Creio, porém, que as coisas já não serão assim. Pensei em entregar Guignard ao Rodrigo Mello Franco de Andrade, mas aconselharam-me a não fazê-lo. O pintor aqui está para quem quiser vê-lo, conviver com ele. Trata-se de uma figura nacional sobre a qual não pode haver segredo. Hoje ele está integrando em minha família, mas assim que encontrar alguém que o queira ter e tratar com a assiduidade, vigilância e carinho necessários, não serei eu quem irá impedir sua partida, se ele o desejar.

ALOYSIO DE PAULA

— Minha profunda admiração pela obra de Guignard e minha estima pela sua fabulosa personalidade, levaram-me inúmeras vezes a procurá-lo em Belo Horizonte. Sempre o encontrei doente, pelos bares ou em hospitais, produzindo pouco. Causaram-me uma grande tristeza e maior preocupação. Hoje, na casa e com a assistência do professor Americano Freire, vejo Guignard com saúde recuperada e um espírito vivo, alegre, em plena posse da sua inteligência, lícido, lírico e cheio de entusiasmo e vontade de pintar. O trabalho de recuperação e assistência do professor Americano merece os maiores louvores.

DI CAVALVANTI

— Sou testemunha do cuidado dispensado pelo professor Americano Freire a Guignard, há muitos anos. Cerca-o do maior carinho e tem um zelo especial pela sua saúde. Pode-se dizer mesmo que salvou-lhe a vida. Além de cuidados médicos e de vigilância sobre suas saídas e viagens, deu-lhe o convívio de seu lar e um constante estímulo. O professor Americano Freire constitui um exemplo para o Brasil de verdadeira e integral dedicação a um artista.

